



CORREIO DE COIMBRA

SEMÁRIO DA DIOCESE DE COIMBRA | DIRETORA: SÓNIA NEVES
ANO 105 | N.º 5070 | 11 DE JUNHO DE 2026 | GRATUITO

MUSEU
MONSENHOR
A. NUNES PÉREIRA

Os Contos
de Fajão

OVOS COZIDOS
TAMBÉM DÃO PINTOS?

1.-
Embora se se comezasse a cozer, como é que
aparecem os pintos e as galinhas e os
patos?

Ah! É que esses ovos, se os se não cozerem,
podem dar pintos, e os pintos dar
frangos e frangos, e galos e galinhas, e assim por
diante.

Porém é que não pagas, se não ser em tribunal! (...)



No dia marcado para o julgamento, este se tudo o
pediu, o Juiz, o rei, a igreja, os instrumentos,
tudo, até o advogado do rei é que não apareceu.

O Juiz perguntou ao rei pelo seu advogado e ele
diz:

O Sr. Dr. Juiz, sabe-se Vossa Senhoria que ele não
deve demorar.

Daí por um grande bocado aparece o Juiz de Fajão,
com um de muito cansado e dirigindo-se ao tribunal
que se prepara ao julgamento, apresentou-lhe os seus
decretos.

Por o decreto por este demora, mas é que esteve a
cozer dois algarves de fava.

Para ser mais, e por isso é que não pode vir mais cedo.

O Juiz de Fajão de Fajão:

Embora os frangos cozidos também nascem?

E os ovos cozidos também dão pintos? (...)

E os ovos cozidos também dão pintos? (...)

O berço de Nunes Pereira
«Portugal profundo»

VISITE-NOS EM WWW.CORREIODECOIMBRA.PT

DESTAQUES

05 DIOCESE

CORPO DE DEUS

A centralidade da Eucaristia

SANTO ANTÓNIO DOS OLIVAIS

Bispo preside à Eucaristia e procissão

07 GRANDE PLANO

«FAJÃO, ONDE O XISTO GANHOU VIDA»

Conhecer as raízes de Nunes Pereira

14 PARA NOS PENSARMOS

OPINIÃO DE QUEM NOS ACOMPANHA

SDEC - Ana Faria; P. Manuel Mendes;

CNIS - Rosário Virgílio

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

Seminário Maior de Coimbra
Contr. n.º 500792291
Registo n.º 101917
Depósito Legal n.º 2015/83

DIRETORA

Sónia Neves (CP 5775)

ADMINISTRAÇÃO E EDIÇÃO

Communis Missio
- Instituto Diocesano de Comunicação
Centro Pastoral Diocesano Coimbra
Rua Domingos Vandelli, n.º 2
3004-547 Coimbra

GRAFISMO / PAGINAÇÃO

Frederico Martins - fredericomartins.pt

REDAÇÃO

Rua Domingos Vandelli, 2
3004-547 COIMBRA
redacao@correiodecoimbra.pt
Telef. 239 792 344 (Chamada para a rede fixa nacional)

DONATIVOS

assinaturas.jornal@gmail.com

SUPLEMENTO

suplemento@correiodecoimbra.pt

COLABORADORES

Os artigos de opinião são da responsabilidade dos seus autores. As imagens e textos da secção Suplemento "Igreja Viva" são da responsabilidade dos respetivos colaboradores.

ESTATUTO EDITORIAL

www.correiodecoimbra.pt

PUB

Porto | Coimbra | O. Azeméis | Leiria | Lisboa

FREGO
CORRETORES DE SEGUROS • INSURANCE BROKERS

+45 anos
De experiência na gestão de soluções diferenciadoras para riscos empresariais

www.frego.pt
geral@frego.pt

F. REGO - Corretores de Seguros, S.A. Mediador de Seguros inscrito em 27-01-2007 na ASF, categoria de Corretor de Seguros n.º 607110281/3, com autorização para os ramos Vida e Não Vida (www.asf.com.pt). A F. REGO não assume a cobertura dos riscos contratualizados.

CORREIO DE COIMBRA

Seminário da Diocese de Coimbra



O rio da Portugalidade

Há semanas em que a nossa identidade coletiva parece pulsar ao mesmo ritmo, convocando-nos para uma reflexão sobre o que verdadeiramente fomos, o que somos e o que nos move. Cruzamos hoje as celebrações do 10 de junho, o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, num momento em que o país se prepara para ver a nossa seleção nacional entrar em campo no Mundial de Futebol. Está quase e não há quem fique indiferente.


À primeira vista, o futebol e as origens de um sacerdote-artista do interior serrano podem parecer universos distantes, mas acredito que não, podem ser apenas as diferentes margens do mesmo rio a que chamamos portugalidade.

Nesta edição, o *Correio de Coimbra* segue o seu roteiro sobre a arte do Monsenhor Nunes Pereira e faz uma paragem, entendendo que obrigatória, em Fajão, na Pampilhosa da Serra. Olhar para aquela aldeia mítica e imaginá-la há 50 ou 60 anos é confrontarmo-nos com a nossa matriz mais pura: o Portugal do xisto, da subsistência rude, do trabalho duro, da falta de cor, do silêncio e da mesa frugal, onde a broa e a fé se repartiam com a mesma dignidade sagrada. Foi dessa rocha e dessa verdade que brotou o génio do Monsenhor, um homem que universalizou a Beira Serra através da arte. É o Portugal da raiz, que não se apaga e que resiste ao tempo.

O Grande Plano convida a subir à serra, contemplar e visitar, percorrer a aldeia e descobrir mais sobre o padre artista. Ainda, um apontamento interessante, e bem português, o que provar e saborear...

Mas Portugal é também o país que sabe fazer da partilha uma festa e que se agiganta quando se une sob a mesma bandeira. Nos próximos dias, quando a bola rolar no Mundial, seremos novamente o povo que se senta à mesa, já não apenas na frugalidade de Fajão, mas nos convívios, nas praças e nas nossas casas, a sofrer e a celebrar por um objetivo comum.

Celebrar Portugal esta semana é honrar a tradição, da religiosidade às lendas, da serra ao mar, da força motriz da fé que nos fez chegar aqui. Os santos populares que, através das suas festas e convívios, nos reúnem e convocam, sendo mais comunidade.

Em cada canto mais escondido há sempre uma história para ouvir, que as férias que se avizinhm para muitos possam ser espaço de conhecer o nosso país, as nossas tradições e religiosidade popular, para que permaneçam e sejam este rio de portugalidade que nos une. 



ÍNDICE

05 DIOCESE



07 GRANDE PLANO

14 PARA NOS PENSARMOS

21 LITURGIA

25 AGENDA



COMO COLABORAR!

Numa lógica de serviço eclesial e de evangelização, o jornal diocesano *Correio de Coimbra* passou a ser gratuito na sua nova edição em suporte digital.

Comporta, contudo, custos.

Se quiser ajudar a Diocese de Coimbra a suportar financeiramente este serviço, poderá fazê-lo junto dos serviços administrativos (Seminário Maior, Casa Nova) ou por transferência bancária para o IBAN:

PT50 0018 0003 4059 0291 0201 3

Titular da conta é a COMMUNIS MISSIO - Instituto Diocesano de Comunicação.
Banco: Santander Totta S.A.

Ao fazer transferência bancária, pedimos o favor de nos **enviar o comprovativo** da mesma **para** o email **assinaturas.jornal@gmail.com**, identificando o nome da pessoa/entidade e o NIF.

O *Correio de Coimbra* é **um serviço gratuito** à missão evangelizadora da nossa Diocese.

Colabore com o seu donativo para o manter e qualificar.

Muito obrigado.



DIOCESE

Igreja de Santo António dos Olivais
Coimbra

JUNHO 2026
FESTA DE SANTO ANTÓNIO
E DA COMUNIDADE

António jovem frade franciscano
1 - 13 DE JUNHO | TREZENA A S. ANTÓNIO | MISSA DAS 18:30

FESTA DE SANTO ANTÓNIO Sábado 13 de Junho	FESTA DA COMUNIDADE Domingo 14 de Junho
8h Oração das Laudes. 9h Missa	9h Missa na Igreja de Santo António. 11h30: MISSA SOLENE na escadaria da Igreja presidida pelo pároco, Frei Fabrizio



Bispo de Coimbra preside à Eucaristia e Procissão em dia de Santo António

No dia 13 de junho, dia de Santo António, o Bispo de Coimbra, D. Virgílio Antunes, vai presidir à Eucaristia, pelas 20h00, seguida de Procissão, em Santo António dos Olivais.

[LER MAIS >](#)

Bispo de Coimbra apelou à centralidade da Eucaristia e da Reconciliação

O Bispo de Coimbra presidiu à Eucaristia da solenidade do Corpo de Deus, junto à Igreja de Santa Cruz e, na sua homilia, sublinhou a importância do momento litúrgico...

[LER MAIS >](#)



«O Estrangeiro: a Cultura do Encontro» é tema de conferência

A Comissão Diocesana Justiça e Paz de Coimbra realiza, no próximo dia 11 de junho, às 19h30, um Jantar Conferência subordinado ao tema “O Estrangeiro: a Cultura do Encontro”, no Seminário Maior de Coimbra.

[LER MAIS >](#)





DIOCESE DE COIMBRA

—✻— PEREGRINAÇÃO DIOCESANA —✻—

Santuário de Fátima

11 julho 2026

"O Espírito Santo virá sobre ti" (Lc 1, 35)



PROGRAMA

- 10h00 Terço da Capelinha
- 11h00 Eucaristia na Basílica da SS. Trindade
- 12h30 Almoço
- 14h30 Assembleia Diocesana na Basílica da SS. Trindade
Momento Musical – Grupo Symbiose
Meditação – D. Pedro Alexandre Fernandes, bispo de Portalegre-Castelo Branco
- 16h00 Vésperas na Basílica da SS. Trindade
- 17h00 Fim da Peregrinação

A man in a light blue shirt and dark pants stands on a wooden balcony of a stone building. He is looking at a chalkboard mounted on the wall. The chalkboard features a drawing of three figures: one on the left, one in the center sitting at a table, and one on the right. The building has a rustic stone facade and a wooden roof structure. The scene is set against a clear blue sky.

FAJÃO, ONDE O XISTO GANHOU VIDA

Em viagem até Fajão, por curvas da serra do Açor, o *Correio de Coimbra* quis visitar os locais de infância de Monsenhor Nunes Pereira. O silêncio, os cheiros e o xisto que marcam presença na obra do artista.



EM PARCERIA COM A
**COMISSÃO DIOCESANA DO TURISMO
 E OFICINA MUSEU MONSENHOR NUNES PEREIRA**



Fonte de Fajão

A serra, o silêncio e o xisto

Dias depois de celebrar Portugal, Camões e as Comunidades Portuguesas recuamos umas décadas e mergulhamos numa aldeia de xisto, no centro do país. Fajão é uma antiga vila, encaixada na Serra do Açor, perto da nascente do rio Ceira, atualmente uma das freguesias da Pampilhosa da Serra, Fajão-Vidual. Foi ali, na Mata de Fajão, que nasceu Monsenhor Nunes Pereira, no dia 3 de Dezembro de 1906.

Para lá chegar, “apanhámos boleia” com o presidente da Junta, Aurélio de Campos que “prontamente” conduziu o *Correio de Coimbra* pelas muitas curvas para subir a serra, depois pelas ruas de Fajão e por espaços que conhece bem.

“Chamo-me Aurélio em homenagem ao meu tio e padrinho, Monsenhor Aurélio de Campos, que foi contemporâneo do Monsenhor Nunes Pereira, que eu também tive o gosto de conhecer”, explica orgulhosamente.

Para o presidente da Junta, para falar de Fajão “tem de se falar de Nunes Pereira”. A chegada àquela freguesia de 200 habitantes, espalhadas por vários lugares, é fazer uma “viagem no tempo”. O silêncio profundo da serra parece que incomoda e a cor das casas de xisto acolhe quem chega.

“Estas casas eram muito simples, todas de xisto, a pedra que havia... Mas, contavam os meus



avós, que quando se fazia a casa todos os vizinhos vinham ajudar, uma semana nesta, outra semana naquela”, recorda Aurélio.

O episódio leva-nos às aldeias que eram “verdadeiramente comunitárias” e onde a entreatura era uma realidade. Em Fajão a “vida não era fácil”, o isolamento geográfico era o retrato vivo desse Portugal profundo. A vida corria ao ritmo das estações, entre os campos cultivados em socalcos e o pastoreio nas encostas rudes dos penedos, uma época marcada pela vaga de emigração que despovoava o interior, mas onde os que ficavam mantinham viva uma identidade comunitária inabalável.

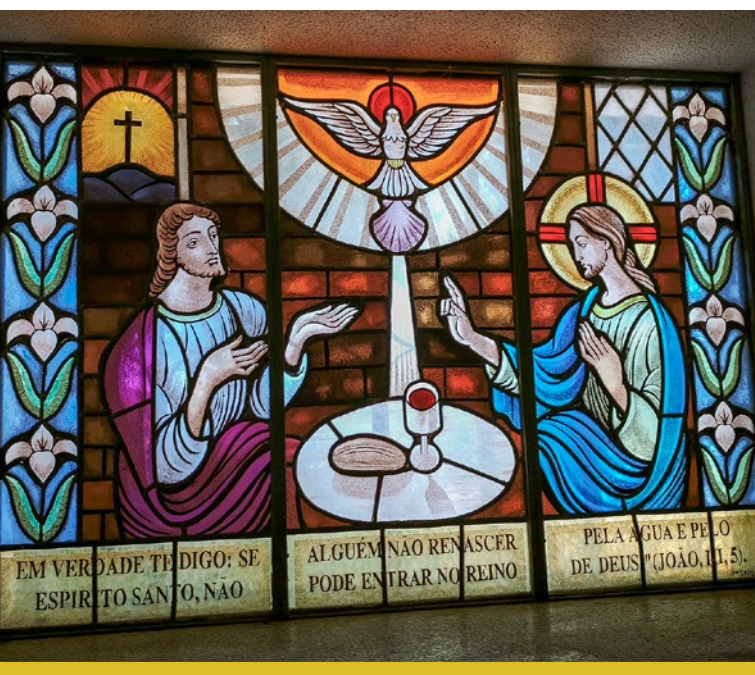
A primeira paragem é na Igreja paroquial de Fajão, construção de 1788, um edifício de linhas sóbrias ladeado à direita pela torre sineira, unida ao corpo da igreja através de um arco. Ao lado, uma verdadeira praça, com uma fonte e um banco, as escadas levam a um simpático parque que, no verão, é espaço de passagem para a piscina.



Igreja de Fajão

Entramos na igreja. Ali podem ser contemplados os altares de madeira entalhada, com Nossa Senhora da Assunção em destaque, com a sua festa anual a 15 de agosto. Percorremos toda a nave central e, no fundo, encontra-se a pia batismal. Ali, um vitral dá luz e cor ao espaço, assinado por Nunes Pereira.

Augusto Nunes Pereira nasceu a 3 de dezembro de 1906, na Mata de Fajão, concelho de Pampilhosa da Serra. Filho de António Nunes Pereira e de Ana Gomes. O pai, escultor santeiro, faleceu



Vitral dá luz e cor ao espaço interior da Igreja de Fajão



Interior Igreja de Fajão



quando Augusto tinha, apenas, nove anos. Foi o segundo de quatro filhos, cresceu e viveu a infância e a adolescência em contacto directo com a vida dura e agreste, mas sã e pura, das gentes da serra.



Interior Museu Monsenhor A. Nunes Pereira

Este “filho da terra” foi o grande entusiasta da criação de um museu na aldeia, que acolhesse com dignidade a história da freguesia. A ideia nasceu e de imediato se lançou “mãos à obra” na recuperação de uma casa que servisse para albergar dignamente as memórias da terra.



Interior Museu Monsenhor A. Nunes Pereira



Museu Monsenhor A. Nunes Pereira

Assim nasceu o Museu Monsenhor A. Nunes Pereira, inaugurado a 13 de setembro de 1997 e ampliado em 16 de abril de 2000, o espaço “veio despertar a consciência do rico e vasto património local e da necessidade de preservação”.



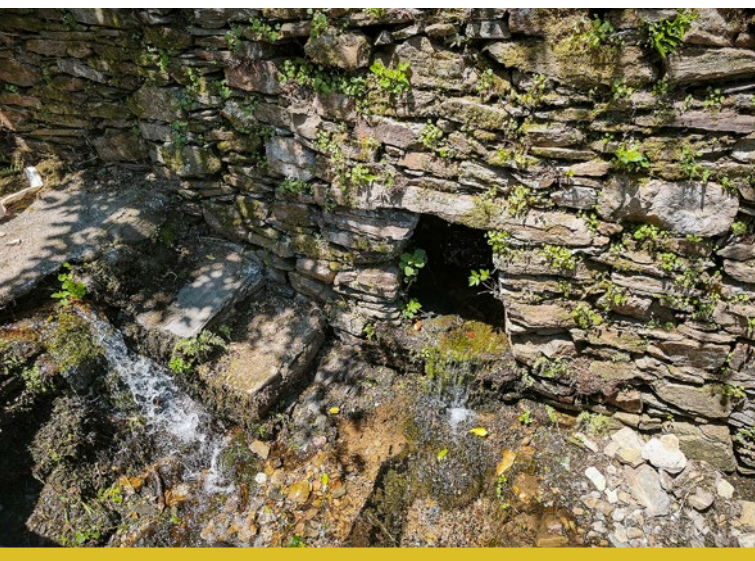
Aurélio de Campos, Presidente de Junta de Fajão

“Mais do que um espaço etnográfico queremos que se torne um espaço dedicado à vida e obra do Monsenhor Nunes Pereira, temos cá várias obras deles e também do pai; vai ficar um espaço interessante de visitar”, explica Aurélio de Campos.

Nunes Pereira, ao fechar-se na sua oficina a trabalhar a madeira ou a gravar a pedra com as próprias mãos, liga a sua missão pastoral ao suor do operário e do camponês da sua infância, naquele espaço sente-se o cheiro do forno, veem-se

as alfaias do pai de Nunes Pereira e as obras do Monsenhor retratam a paciência do artista.

Em frente ao museu, também numa casa de xisto, situa-se uma Sala de Exposições Temporárias. Na aldeia, entre subidas e descidas, algumas escadas, pode ainda visitar-se o forno comunitário, o lavadouro público, passando pela antiga escola primária, dos tempos do Estado Novo, mas também pelo edifício da antiga cadeia e antigo edifício da Câmara.



Água a correr

A natureza é uma marca cativante da aldeia, ouve-se a água a correr. Em várias paredes surgem painéis de ardósia que remetem para os “Contos



Porta Capela de Nossa Senhora da Guia



Restaurante Juiz

de Fajão”, antigos contos populares, de “tradição oral”, que se referem à cultura, às gentes e sabedoria daquele povo. Em livro, foi recentemente reeditado pelo Seminário de Coimbra, ação que integra as comemorações de homenagem, a decorrer até dezembro de 2026.



Coreto festa

Quase no fim da viagem, ainda há tempo para conhecer a Capela de Nossa Senhora da Guia, de construção moderna, traçada pela mão do

arquiteto Armando Alves Martins. Habitualmente fechada, é pelas mãos do sr. Vitor que tentamos conhecer.

“Está sempre fechada a capela, mas é muito bonita! Na altura da festa, no terceiro domingo de julho, isto enche-se de gente, é uma alegria”, conta o detentor da chave.

A porta abre-se e o orgulho desmedido de uma sóbria capela vê-se no olhar dos conterrâneos. Aurélio e Vitor apontam o altar, indicam para observação, duas pedras, uma em cima da outra.

“Foi o Monsenhor Nunes Pereira, é uma maravilha”, dizem.

O altar foi idealizado por Nunes Pereira, duas pedras em xisto polido, a rocha da terra. Atrás, as seis telas que retratam algumas cenas da vida de Cristo, da autoria do pintor de Fajão, Guilherme Filipe.



Altar Capela de Nossa Senhora da Guia

São duas pedras maciças, na sua rudeza original, tal como foram moldadas pela natureza nas encostas da Pampilhosa da Serra. Ao escolher estas duas rochas para sustentar o altar, Nunes Pereira apontou uma afirmação teológica profunda, elevou a matéria mais humilde e dura da sua terra ao estatuto de suporte do Divino.



Jazigo de Monsenhor A. Nunes Pereira

A viagem por Fajão está a terminar... O fio condutor que une a arte e a vida de Monsenhor Nunes Pereira desafia-nos a subir até ao cemitério local, o lugar onde a serra se abre ao infinito e onde repousam os restos mortais do sacerdote-artista.

Se, no altar da Senhora da Guia o xisto bruto sustenta o mistério da vida, no cemitério é a mesma pedra que guarda o segredo da eternidade. O jazigo de Nunes Pereira é, em si mesmo, a última grande lição da sua envolvimento artístico. Desprovido de mármore faustosos ou ostentações frias, o seu túmulo foi desenhado com a mesma sobriedade honesta que aplicou em toda a sua produção.

Entre o silêncio cortante e a vigilância dos pedregal monumentais que moldaram a sua infância, o Monsenhor regressou a Fajão, sepultado no coração do seu berço, o seu jazigo em xisto não é um monumento à morte, mas sim um marco de permanência. No dia 1 de junho fez 25 anos da sua morte.

Terminar esta segunda etapa do roteiro ali é perceber que o Monsenhor Nunes Pereira fez o caminho completo, nasceu da serra, esculpiu a serra, evangelizou através dela e, agora, nela descança, gravado para sempre em muitas peças espalhadas por Portugal. 📍



APONTAMENTO GASTRONÓMICO

Pampilhosa da Serra

João Pedro Gomes

Enquadrado pela Serra do Açor e a Serra da Lousã por onde parte do Zêzere serpenteia, o município da Pampilhosa da Serra encontra na montanha, na floresta e na pastorícia parte da sua identidade gastronómica. O maranho é o seu cartão de visita mais singular: bucho de cabra recheado com carne, produtos de fumeiro e arroz, aromatizado com ervas aromáticas das quais se destaca o serpão, uma variedade de tomilho selvagem. O cabrito assado e a chanfana são, naturalmente, também aqui largamente conhecidos.

Dos peixes, destaca-se a truta dos viveiros do rio Ceira, servida em escabeche, ou o “bacalhau de couvada”, uma das mil e uma formas de preparar bacalhau em Portugal e na qual o bacalhau cozido com batatas e couve pencas.

Nos doces, é tigelada é rainha, feita de leite, ovos, açúcar, farinha, casca de limão e canela, indo a cozer ao forno em tigelas de barro. No Natal são as filhós espichadas que são estrelas, existindo mesmo um Festival a elas dedicadas, honrando-se neste a identidade serrana do município. 📍





PARA NOS PENSARMOS



SDEC

A Missa – Celebração Eucarística

Ana Faria

Pois onde estiverem reunidos em Meu nome, dois ou três, Eu estou no meio deles.
(Mt 18,20b)

De há uns tempos a esta parte oiço, com alguma frequência, pessoas adultas que costumavam participar nas Missas dominicais das suas Paróquias, referirem que *“agora não vou à Igreja porque vejo a Missa na televisão”*.

Mas, de facto, **“ver”** a Missa na televisão, não é **“participar”** na Celebração Eucarística... e vamos ver porquê...

Não é por acaso, que a Igreja nos ensina a todos, a participar ao menos uma vez por semana, no Dia do Senhor, na Missa ou Celebração Eucarística, como **forma completa** de nos associarmos a Cristo, e uns aos outros, para O louvarmos e darmos graças a Deus pela **VIDA** que nos vai dando e por todas as graças – bens e bênçãos – que sempre nos oferece. A Missa é a celebração litúrgica por excelência, e nela todos nós, cristãos, devemos participar semanalmente porque ela é *“fonte e cume de toda a vida cristã (...) [e] pela celebração*

eucarística, unimo-nos desde já à liturgia do céu e antecipamos a vida eterna, quando ‘Deus for tudo em todos’ (1Cor 15,18)”. (CIC 1324;1326).

A Missa começa por uma saudação do Sacerdote que preside à Assembleia, que nos saúda *“Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”*, introduzindo-nos desde logo na liturgia e unindo-nos num mesmo Espírito para celebrarmos alegremente a Vida, tendo como referência o nosso Deus.

De seguida, e para que esse objectivo seja realmente atingido, o celebrante propõe-nos uma **reflexão** sobre a nossa vida, para vermos em que é que ofendemos os outros e a nós mesmos: é o **exame de consciência**, ao qual se segue a **Confissão**; nela pedimos **perdão** a Deus e aos irmãos, pelas nossas **falhas – pecados** – e, se o fizermos com profundidade e nos arrependermos, somos perdoados por Deus.

Assim, felizes por estarmos na graça de Deus, Pai maravilhoso, cantamos-lhe o **Glória**, que é um hino de louvor a um Deus-Amor, misericordioso, ao qual tudo devemos... *“Nós Vos louvamos, Vos bendizemos, Vos glorificamos e Vos damos gra-*



ças"... É a expressão dos sentimentos que temos, porque nos sentimos unidos a todos os homens e mulheres de boa vontade, que querem construir a Paz.... "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados"... E essa construção faz-se através do Amor!...

Deste modo, bem-dispostos e predispostos para **ouvir a Palavra de Deus**, sentamo-nos para escutar, confortavelmente, as **Leituras da Bíblia**: uma do **Antigo Testamento**, e duas do **Novo Testamento**. Entre elas cantamos o Salmo, retirado do Livro dos **Salmos**, do Antigo Testamento, que são orações em verso, muitas delas feitas pelo Rei David. De seguida, o Sacerdote faz uma explicação das leituras harmonizando a sua mensagem com a linguagem, a forma de vida e os problemas dos dias de hoje – é a **Homilia**.

Depois, fazemos a afirmação pública e conjunta da nossa Fé, rezando o **Credo**, e de seguida, sem esquecer os nossos irmãos, **rezamos ao Senhor por toda a humanidade**, homens e mulheres, de todas as raças e cores, bons e maus, doentes e sãos, com maiores ou menores dificuldades de vida, para que o Senhor os alivie, os conforte e os abra ao Seu Amor e ao serviço dos outros: é a **Oração dos Fiéis**.

No **Ofertório** abrimos o coração a Deus, e **oferecemos toda a nossa vida**: as coisas boas que ela tem, e as coisas menos boas que vamos fazendo... para que o Senhor as tome, e as transforme e ofereça conjuntamente consigo ao Pai.

A **Consagração** é a altura mais solene da Eucaristia. É um tempo de concentração em nós mesmos, um tempo de oração profunda, de união com Cristo, que está ali, que se torna presente... e presente vai ficar na **Hóstia Consagrada**, onde cada um de nós O vai receber, inteiro, dando-se a cada pessoa que acredita que **Deus é o nosso Pai**, amoroso e misericordioso... A cada pessoa que deseja **fazer a Sua vontade**, e que apenas pede

para ter o **pão-nosso-de-cada-dia**... Não pede ao Senhor que o ajude a acumular, mas apenas pretende ter o que é necessário: "*o pão nosso de cada dia*" e, mais uma vez, pede também perdão "*pelas nossas ofensas, assim como nós perdoamos*".

Nesta disposição e nesta **comunhão** de espírito com Deus, com o Universo e com os nossos irmãos, podemos realmente **partilhar o Corpo de Cristo**, aí presente por este milagre de Amor.

E depois, resta-nos **agradecer a Deus** e a todos os irmãos presentes e ausentes, por este tempo maravilhoso que passámos, por esta Festa em que celebrámos a Vida.

Sáimos em Paz, com o **Senhor que nos acompanha**, para cheios de força interior e de alegria, enfrentarmos mais uma semana de trabalho, e espalharemos à nossa volta a palavra e a força do **Senhor que nos acompanha**: "*Ide por todo o mundo...*" (Mc 16,15).

Depois de entendermos melhor o que é esta **Festa da Vida**, em que celebramos a paixão, morte e ressurreição de Jesus, conforme ele nos mandou fazer em Sua memória, podemos agora perceber porque é que a Igreja, Mãe e Mestra, nos diz nos seus preceitos que, participar na Missa aos Domingos e nos Dias Santos é uma obrigação¹, e não apenas uma devoção: é, de facto, o encontro maior com Cristo Jesus, que se torna presente e que se nos dá como alimento. Ele próprio nos manda: "*Fazei isto em memória de Mim*".

Como é que nós, Catequistas mistagogos, passamos esta mensagem aos nossos Catequizandos? Em primeiro lugar dando testemunho, através da nossa presença alegre e amorosa na Missa e junto deles. Depois, e na medida do possível, participando com eles na Liturgia Eucarística, dando-lhes também um papel activo, por exemplo, nos cânticos, na recolha das ofertas, nas leituras, que devem ser preparadas com os Catequistas, desa-

¹ Catecismo da Igreja Católica (CIC), 2041-2043, "**Os preceitos da Igreja**":

1º - "Ouvir Missa inteira e abster-se de trabalhos servis nos Domingos e Festas de Guarda".



fiando-os para serem acólitos.... Por outro lado, incentivando a família, os pais, os avós, a participarem com os seu filhos e netos nas Eucaristias dominicais das suas Paróquias. É preciso fazer entender que nenhum de nós cresce sozinho, precisamos uns dos outros para crescer... Precisamos da Comunidade Cristã que se reúne para celebrar a festa do Senhor Ressuscitado, para crescermos na Fé.

Que neste tempo de férias em que vamos entrar, não deixemos de participar nas Celebrações Eucarísticas, onde quer que estejamos.

Recordamos ainda as datas dos próximos encontros de Catequistas:

- › **Reunião dos Secretariados diocesanos:**
3 de julho de 2026, em **Fátima**.
- › **Jornadas Nacionais de Catequistas:**
17 e 18 de outubro de 2026, em **Fátima**.
- › **Encontro Nacional de Catequese:**
31 de março a 2 de abril de 2027, em **Beja**.

Para todos o SDEC deseja boas férias em união com Cristo Jesus e com Sua Mãe Maria Santíssima. 🙏



DO VENERÁVEL PADRE AMÉRICO



Testemunho do Padre Nunes Pereira

P. Manuel Mendes

Na sequência duma breve nota biográfica, damos notícia de algumas declarações inéditas do Padre Augusto Nunes Pereira sobre o seu condiscípulo Padre Américo, como testemunha para a *Causa de Canonização do Servo de Deus Américo Monteiro de Aguiar, sacerdote*, em 4 de Março de 1992, no Tribunal Eclesiástico de Coimbra.

No capítulo *O marco do sacerdócio*, disse o seguinte, que recolhemos: «Desde os primeiros tempos do Seminário, mostrou uma profunda piedade, especialmente quanto à Eucaristia.

Era não só exemplar no comportamento como ajudava os companheiros, nas suas dificuldades. Reunia-os e incitava-os para assumirem as responsabilidades pessoais e disciplinares. Foi um grande animador das colónias de férias, em Buarcos. Em pequena festa de homenagem, das que se faziam nas colónias, o Servo de Deus afirmou, quanto a alunos que andavam muito tempo sem comungar: ‘quanto a mim, o dia em que eu não comungar, que os Anjos do Céu me levem para a comunhão eterna...’. Em certo ano, fomos passar alguns dias de férias na Serra da Estrela. O Servo de Deus estava presente, mas pôs como condição poderem comungar todos os dias.

[...] Ele foi ordenado sacerdote no mesmo dia que eu – 28 de Julho de mil novecentos e vinte e nove. [...] ele esteve presente na minha missa nova, na minha aldeia natal. Dele recebi uma carta nesta altura, em que ele me dizia: ‘Lembre-se de que nos ordenámos não para ganhar, mas per-

der a vida’. Depois de ordenado, o cuidado pelos doentes manifestou-se na doença e morte do P. César Roque, increpando-me e aos colegas: ‘então vocês deixam morrer o P. César?!...». Este bom sacerdote era de Unhais-o-Velho [em Pampilhosa da Serra].

Depois, no capítulo *O evangelizador dos pobres*, declarou:

«[...] Recordo bem o seu espírito de oração. Quando chegava à igreja, a sua primeira preocupação era a oração ao SS. Sacramento. Teve muita influência na formação dos seminaristas. Quando o P. Matéo veio a Coimbra, o Servo de Deus relacionou-se imediatamente com ele e terá sido o elo de ligação entre o Seminário e o famoso pregador daquele tempo. Pedimos um autógrafo ao P. Matéo para o *Lume Novo* e foi o Servo de Deus quem disse se encarregou e, quando D. Manuel Gonçalves Cerejeira foi eleito Arcebispo de Mitilene, foi o Servo de Deus o promotor da homenagem que então foi feita ao mesmo Prelado eleito.

O Servo de Deus ficou sempre muito grato ao então Prelado de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva, por tê-lo admitido no Seminário de Coimbra. Como não pôde realizar o seu ideal no franciscanismo, terá sido levado a pedir ao seu Bispo viver como religioso o seu sacerdócio diocesano.

[...] Como, quando ser ordenou, só tinha o 3.º ano de Teologia, ficou como professor e prefeito no Seminário de Coimbra. Continuei a ter



contacto com ele, estando eu pároco de Montemor-o-Velho. O Servo de Deus foi lá pregar um dia e, ao ver a pobreza extrema da casa paroquial, interessou-se muito por mim, para mitigar esse ambiente de pobreza. A inclinação natural dele para o apostolado entre os pobres começou logo a manifestar-se e pediu ao Prelado para se dedicar ao apostolado entre eles que eram muito numerosos, nas zonas degradadas da cidade de Coimbra. [...]».

Antes de avançarmos em mais recortes das declarações do Padre Nunes Pereira para a Causa de Beatificação, é de aditar outros testemunhos seus, recolhidos após a morte do seu discípulo Padre Américo, em que deu mais notícias desse tempo de seminarista em Coimbra, complementando as informações supra.

O Padre Euclides de Oliveira Morais – de Travassô [em Águeda], que foi admitido no Seminário de Coimbra em 1912-1913 – entre outras lembranças, referiu uma leitura significativa: o Padre Augusto Nunes Pereira recordou-lhe que «o Américo leu e meditou profundamente *S. Vicente de Paulo*». [O *Gaiato*, N.º 388, 24 Janeiro 1959, p. 1]. Seria uma biografia deste grande santo da sua devoção, intitulada: *Vida popular de S. Vicente de Paulo*, do Padre Berbiguier, traduzida por M. Fonseca [Porto: Ed. José Frutuoso da Fonseca, 1889; reeditada em 1925].

Corroborando o que foi sublinhado acima, o amor de Américo Monteiro de Aguiar à Eucaristia era tal que – segundo diz o Padre Nunes Pereira – «não se conformava com o regulamento de Sexta-feira Santa proibindo a Sagrada Comunhão. Duma vez insistiu tanto que lha ministraram naquele dia» [O *Gaiato*, N.º 390,



N.º 21 Fevereiro 1959, p.1]. De facto, nesta prescrição litúrgica, foi um precursor. Em Sexta-Feira Santa nunca houve Eucaristia. No século XII, foi estabelecido que, além do sacerdote, ninguém comungasse. Em 1955, o Papa Pio XII, restabeleceu a comunhão do povo.

Das recordações do Padre Nunes Pereira sobre Padre Américo, serão dadas mais notícias que permitem traçar um esboço de algumas características do seu discípulo no Seminário de Coimbra e como *Recoveiro dos Pobres*. 📖





CNISP

80 anos depois: a secularidade consagrada como profecia no hoje da história

Rosário Virgílio

A secularidade como herança histórica

O conceito de secularidade nasceu de um longo processo histórico. A modernidade europeia, marcada pelo Iluminismo, pela Reforma, pelas revoluções científicas e pela afirmação do Estado moderno, procurou distinguir o espaço político do espaço religioso. Essa separação representou, em muitos casos, um avanço civilizacional importante: garantiu liberdade de consciência, pluralismo e direitos fundamentais.

Depois das grandes guerras do século XX, porém, a secularidade ganhou uma dimensão ainda mais profunda. As tragédias humanas provocaram uma crise de confiança nas instituições tradicionais, incluindo as religiosas. O sofrimento coletivo levou muitos a perguntar onde estava Deus no meio da destruição. Outros passaram a considerar que a humanidade deveria confiar exclusivamente na razão, na técnica e na organização social.

Assim, a secularidade deixou de ser apenas uma estrutura jurídica ou política. Tornou-se uma mentalidade cultural. O progresso económico e científico foi apresentado como suficiente para responder às necessidades humanas. A religião passou, frequentemente, a ser relegada para o âmbito privado, emocional ou simbólico.

Contudo, oitenta anos depois, percebe-se que o desaparecimento do sagrado nunca aconteceu plenamente. O ser humano continua a procurar

sentido, pertença, transcendência e esperança. Mesmo em sociedades altamente secularizadas, multiplicam-se novas espiritualidades, buscas interiores e formas alternativas de religiosidade.

A profecia da autonomia humana

A secularidade contemporânea consagrou a ideia de autonomia humana como um dos valores centrais da civilização moderna. O indivíduo passou a ser visto como sujeito soberano da sua própria existência. A liberdade individual tornou-se critério decisivo para escolhas éticas, afetivas e sociais.

Essa transformação trouxe conquistas inegáveis. A dignidade da pessoa humana foi reforçada, ampliaram-se direitos civis e consolidou-se a valorização da consciência individual. Contudo, a absolutização da autonomia também produziu novas tensões.

Quando toda verdade é reduzida à experiência subjetiva, a sociedade corre o risco de fragmentar-se em múltiplas narrativas incapazes de dialogar entre si. A ausência de referências comuns pode gerar relativismo, polarização e solidão existencial. O indivíduo, libertado de antigas tutelas, encontra-se frequentemente entregue à pressão do desempenho, do consumo e da auto afirmação constante.

A secularidade prometeu emancipação; porém, em muitos contextos, produziu também ansiedade, vazio e sensação de desenraizamento. A técnica evoluiu mais rapidamente do que a maturi-



dade ética. O progresso material não eliminou as crises humanas fundamentais: **o sofrimento, a morte, a injustiça e a busca de significado.**

A identidade e missão dos Institutos Seculares

Neste contexto histórico marcado pela secularidade, os Institutos Seculares assumem uma relevância singular na vida da Igreja e da sociedade. Nascidos oficialmente no século XX, especialmente após a Constituição Apostólica Provida Mater Ecclesia de 1947, estes institutos representam uma forma original de consagração: viver plenamente no mundo sem pertencer ao mundo apenas segundo a lógica dominante da superficialidade e do individualismo.

Num tempo em que muitos associam a secularidade ao afastamento do transcendente, os Institutos Seculares testemunham que é possível habitar o mundo contemporâneo com profundidade espiritual. A sua vocação revela que a secularidade não precisa significar ausência de Deus, mas pode tornar-se **lugar de encontro, fermento e testemunho.**

A missão destes institutos adquire hoje um carácter profético. Enquanto a sociedade tende frequentemente para o individualismo, para o relativismo e para a fragmentação humana, os membros dos Institutos Seculares são chamados a viver a radicalidade evangélica através da descrição, da proximidade e da fidelidade silenciosa. A sua presença raramente se manifesta pelo poder ou pela visibilidade institucional; manifesta-se antes pela coerência de vida, pela ética nas relações, pela promoção da dignidade humana e pelo compromisso com a justiça e a paz.

Mais do que oposição à secularidade, os Institutos Seculares representam uma presença reconciliadora dentro dela. Assumem as alegrias e angústias do mundo contemporâneo, procurando iluminar a realidade a partir do Evangelho sem negar a autonomia legítima das realidades terrenas.

Assim, a sua missão torna-se particularmente atual no hoje da história. São chamados a cons-

truir pontes entre fé e mundo, interioridade e compromisso social, transcendência e responsabilidade histórica. Através da sua vocação, mostram que a consagração não afasta da humanidade, mas conduz a uma presença mais profunda e solidária no coração da sociedade.

O hoje da história


O presente histórico caracteriza-se por profundas ambiguidades. Nunca houve tanto acesso à informação, e nunca a desinformação se espalhou com tanta rapidez. Nunca a humanidade desenvolveu tantos recursos tecnológicos, e nunca enfrentou desafios globais tão complexos: guerras, migrações forçadas, crise climática, desigualdade económica e crises de saúde mental.

A questão central do nosso tempo talvez não seja escolher entre secularidade e religião, mas reencontrar uma visão integral da pessoa humana. Uma sociedade verdadeiramente humana não pode ignorar nem a liberdade crítica nem a profundidade espiritual.

Oitenta anos depois, a secularidade não representa o fim da espiritualidade nem a vitória definitiva da religião. Ela tornou-se parte constitutiva da experiência histórica contemporânea. Trouxe liberdade, pluralismo e consciência crítica, mas revelou também a insuficiência de uma visão puramente material ou tecnocrática da existência.

No hoje da história, permanece viva a pergunta pelo sentido. E enquanto essa pergunta existir, continuará aberta a possibilidade do encontro entre o humano e o transcendente.

A história contemporânea talvez esteja a ensinar que nenhuma sociedade sobrevive apenas de eficiência, consumo ou tecnologia. O ser humano necessita igualmente de **esperança, memória, compaixão e horizonte espiritual.**

A secularidade, longe de encerrar a questão de Deus, acabou por devolver a humanidade à sua interrogação mais profunda: o que significa, verdadeiramente, ser humano? 





LITURGIA

PALAVRA DE DEUS

XI DOMINGO DO TEMPO COMUM

14 de junho de 2026

Ano A

Leitura do Livro do Êxodo Ex 19, 2-6a

Naqueles dias, os filhos de Israel partiram de Refidim e chegaram ao deserto do Sinai, onde acamparam, em frente da montanha. Moisés subiu à presença de Deus. O Senhor chamou-o da montanha e disse-lhe: «Assim falarás à casa de Jacob, isto dirás aos filhos de Israel: ‘Vistes o que Eu fiz ao Egito, como vos transportei sobre asas de águia e vos trouxe até Mim. Agora, se ouvirdes a minha voz, se guardardes a minha aliança, sereis minha propriedade especial entre todos os povos. Porque toda a terra Me pertence; mas vós sereis para Mim um reino de sacerdotes, uma nação santa’». Palavra do Senhor.

Salmo Responsorial Salmo 99 (100)

Nós somos o povo de Deus,
as ovelhas do seu rebanho.

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos Rom 5, 6-11

Irmãos: Quando ainda éramos fracos, Cristo morreu pelos ímpios no tempo determinado. Difícilmente alguém morre por um justo; por um homem bom, talvez alguém tivesse a coragem de morrer. Mas Deus prova assim o seu amor para conosco: Cristo morreu por nós, quando éramos

ainda pecadores. E agora, que fomos justificados pelo seu sangue, com muito mais razão seremos por Ele salvos da ira divina. Se, na verdade, quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, com muito mais razão, depois de reconciliados, seremos salvos pela sua vida. Mais ainda: também nos gloriamos em Deus, por Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem alcançamos agora a reconciliação.

Palavra do Senhor.

Aleluia Mc 1, 15

Está próximo o reino de Deus.
Arrependei-vos e acreditai no Evangelho.

Evangelho segundo São Mateus Mt 9, 36 – 10, 8

Naquele tempo, Jesus, ao ver as multidões, encheu-se de compaixão, porque andavam fatigadas e abatidas, como ovelhas sem pastor. Jesus disse então aos seus discípulos: «A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara». Depois chamou a Si os seus doze discípulos e deu-lhes poder de expulsar os espíritos impuros e de curar todas as doenças e enfermidades. São estes os nomes dos doze apóstolos:



primeiro, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Cananeu, e Judas Iscariotes, que foi quem O entregou. Jesus enviou estes Doze, dando-lhes as seguintes instruções: «Não sigais o caminho dos gentios,

nem entreis em cidade de samaritanos. Ide primeiramente às ovelhas perdidas da casa de Israel. Pelo caminho, proclamai que está perto o reino dos Céus. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, sarai os leprosos, expulsai os demónios. Recebestes de graça, dai de graça». Palavra da salvação. 📖



LITURGIA DIÁRIA

liturgia.pt/liturgiadiaria/



NEM SÓ DE PÃO

COMENTÁRIO À LITURGIA DOMINICAL

P. JOÃO FERNANDO DIAS



Todos Sacerdotes

“Sereis para Mim um reino de sacerdotes, uma nação santa.” - Estas palavras de Deus, transmitidas ao Seu Povo através de Moisés, são surpreendentes, mostrando o muito que Deus espera do Seu Povo: Ele deseja que todos sejam sacerdotes. É todo o Povo de Deus que recebe esta missão sacerdotal, ao serviço de toda a humanidade.

Este desejo de Deus é também para nós, hoje, membros da Sua Igreja, que Ele formou a partir dos Apóstolos. “A Seara é grande” pois ela é o mundo inteiro, toda a humanidade. A Igreja existe para servir a humanidade, prolongando o serviço salvador que Jesus veio realizar, pela Sua encarnação, morte e ressurreição.

Necessitamos de pedir ao “dono da seara” que mande trabalhadores para a sua seara. Certamente necessitamos de mais sacerdotes ordenados, mas necessitamos de assumir todos a nossa vocação batismal de nos torna sacerdotes, membros de um Povo Sacerdotal. É uma missão individual e ao mesmo tempo comunitária. O que significa ser sacerdote? Implica uma relação especial com Deus e implica desempenhar um serviço em benefício dos outros. Todos somos chamados a esta relação próxima com Deus, somos chamados a louvá-lo, bendizê-lo, dar-lhe graças. Somos também chamados a interceder pelos outros, rezando por eles, falando deles ao Pai, suplicando a sua salvação.

Sentimo-nos Povo Sacerdotal, de um modo particular, quando nos reunimos para celebrar a Eucaristia, presidida pelo sacerdote ordenado, todos à volta daquele que é o único Sacerdotes, Jesus Cristo. Ele une-nos a Si na oferta que faz da Sua carne e do Seu sangue para libertação e santificação de todos. Deste modo torna-se presente aqui e agora a presença salvadora de Jesus que quer encaminhar toda a humanidade para Aquele que a criou e é a sua meta.

Não negamos a importância dos sacerdotes ordenados, ligados de uma forma sacramental aos próprios apóstolos que Jesus escolheu. Necessitamos de sacerdotes que nos ajudem a descobrir a grandeza da nossa comum vocação batismal que nos transmitiu a unção de Jesus Cristo - Profeta, Sacerdote e Rei. Os sacerdotes ordenados hão de ajudar todos os batizados a viver bem a sua vocação de participar no sacerdócio de Cristo, em favor de toda a humanidade, oferecendo ao Pai a sua oração e testemunhando com palavras e com a vida a proximidade do Reino de Deus. Que não nos falem sacerdotes ordenados e que estes saibam pôr-se ao serviço da Igreja, para que toda ela seja sacerdotal. A grandeza do sacerdócio ordenado será um humilde serviço ao sacerdócio comum dos batizados e todos serão participantes, do único sacerdócio de Cristo que é fonte de salvação para toda a humanidade. 🙏



CÂNTICOS

XII DOMINGO DO TEMPO COMUM

21 de junho de 2026

Ano A

*O que cantamos em:***MIDÕES**Com o contributo de
✍ *Ana Paula Neves***Entrada**Deus vive
na sua morada santa
| NCT 217**Apresentação dos dons**Corpo e alma Senhor
| NCT 245**Comunhão**

O cordeiro de Deus | CNL 674

Pós-comunhão

o amor de Deus | NCT 388

FinalIde por todo o mundo
| NCT 355**SEIXO DE MIRA**Com o contributo de
✍ *Margarida Oliveira***Entrada**O Senhor é a força do
seu povo (F. Silva)**Apresentação dos dons**Em Vós, Senhor, eu pus a
minha esperança (M. Silva)**Comunhão**

Eu sou o Bom Pastor (C. Silva)

Pós-comunhãoEu confio, Senhor, na
vossa bondade (F. Silva)**Final**

Cantai comigo (H. Faria)

SOURECom o contributo de
✍ *Jorge Sousa Pereira***Entrada**Deus vive
na sua morada santa
| CNL 362**Apresentação dos dons**Tomai e recebei as horas
| CNL 965**Comunhão**Eu sou o Bom pastor
| CNL 449**Pós-comunhão**Em Vós, Senhor está a
fante da vida | CNL 401**Final**

Povo Teu somos | CNL 821

NCT - Novo Cantemos Todos
CNL - Cantoral Nacional Liturgia



AGENDA

DIOCESE

12
JUN. ASSEMBLEIA DIOCESANA DO CLERO

13e14
JUN. BÊNÇÃO DAS PASTAS

Eucaristia às 11h00, presidida pelo Bispo de Coimbra

13
JUN. FESTA DE SANTO ANTÓNIO DE LISBOA

Eucaristia presidida pelo Bispo de Coimbra, em Santo António dos Olivais, às 20h00

19
JUN. INAUGURAÇÃO EXPOSIÇÃO “CALHAU ROLADO”

Museu da Pedra, Cantanhede - 17h00

26
JUN. VERDADE PARTILHADA
- INICIATIVA DO SECRETARIADO DIOCESANO
DA PASTORAL DA CULTURA

Jardim do Seminário Maior

28
JUN. ORDENAÇÃO SACERDOTAL DE RUBEN CUNHA

Sé Nova, às 16h00



11
JUL. PEREGRINAÇÃO DIOCESANA AO SANTUÁRIO DE FÁTIMA

NACIONAL

15a17
JUN. JORNADAS PASTORAIS DO EPISCOPADO

18e19
JUN. 43.ª PEREGRINAÇÃO MILITAR NACIONAL A FÁTIMA

19a21
JUN. **I CONGRESSO** SOBRE SÃO JOÃO DA CRUZ

03
JUL. REUNIÃO DOS SECRETARIADOS
DIOCESANOS DA CATEQUESE

VATICANO

6e12
JUN. PAPA VISITA ESPANHA E ILHAS CANÁRIAS

04
JUL. **VISITA PASTORAL DO PAPA LEÃO XIV A LAMPEDUSA**



O grande espaço diocesano de reflexão partilhada
a partir da fé sobre os acontecimentos eclesiais,
a vida das comunidades e a cultura atual.

CORREIO DE **COIMBRA**

Semanário da Diocese de Coimbra

VISITE-NOS EM WWW.CORREIODECOIMBRA.PT